

HISTÓRIA DA MODA FEMININA, BELEZA E ESTÉTICA

UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO SOBRE AS ÉPOCAS DE 1950, 1960, 1970.

Amanda Aparecida Alberti, Geicy Kelly Sutil, Juliana Mendes Assad e Marina Mendes ¹, Silvani Emiliano ²

1. Acadêmicas do curso de Tecnologia em Estética e Cosmética - Organização Paranaense de Ensino Técnico – OPET

2. Professora Orientadora Organização Paranaense de Ensino Técnico – OPET – Bacharel em Design de Moda – Especialista em Arte Educação e Visagista.

Endereço para correspondência: mds.mariina@hotmail.com

RESUMO: A palavra moda foi introduzida na língua italiana por volta de 1650, derivada do *latim mos*, significando uso, costume, hábito, tradição, boas maneiras, moralidade e, ainda, lei, tipo, regra. A história é uma ciência que estuda a vida do homem através do tempo. Ela investiga o que os homens fizeram, pensaram e sentiram enquanto seres sociais. O objetivo desse trabalho é destacar através da história a moda feminina o vestuário, o penteado, corte de cabelo e maquiagem dos anos de 1950, 1960, 1970, épocas marcantes, revolucionárias no contexto da moda. Estudar a estética de cada época através da história é fascinante e de grande valia para o tecnólogo em estética e cosmética, pois a partir dos elementos encontrados em cada período de tempo trará suporte para criação de *looks* que retratam a mulher com estilos voltados para cada década.

Palavras chaves: Moda, estilo, estética.

ABSTRACT: The word fashion was introduced in the Italian language by 1650, we derived from the Latin, meaning usage, custom, habit, tradition, manners, morals, and also law type rule. History is a science that studies the life of man through time. She investigates what men did, thought and felt as social beings. The aim of this paper is to highlight the story through women's fashion clothing, hairstyle, haircut and makeup of the 1950s, 1960s, 1970s, remarkable, revolutionary times in the context of fashion. Studying the aesthetic of each era throughout history is fascinating and valuable for the techie in aesthetic and cosmetic, because from the elements found in each time period will bring support for creating looks that portray the woman facing styles for each decade.

Keywords: Fashion, style, aesthetics.

1. INTRODUÇÃO

A história é uma ciência que estuda a vida do homem através do tempo. Ela investiga o que os homens fizeram, pensaram e sentiram enquanto seres sociais. Nesse sentido, o conhecimento histórico ajuda na compreensão do homem enquanto ser que constrói seu tempo (AGUIAR, 2014).

O termo história tendo como elemento de composição o ante positivo *histori*, do grego *história(as)*, significa: pesquisa, informação, relato, história. Pesquisando em dicionários da língua portuguesa encontram-se algumas definições interessantes: conjunto de conhecimentos relativos ao passado da humanidade, segundo o lugar, a época, o ponto de vista escolhido; ciência que estuda eventos passados com referência a um povo, país, período ou indivíduo específico; a evolução da humanidade ao longo de seu passado e presente; seqüência de acontecimentos e fatos a ela correlatos; Derivação: por metonímia: compêndio histórico que trata desses fatos e eventos; Derivação: por extensão de sentido: o julgamento da posteridade; a memória dos homens (MATOS, 2013).

Já a raiz etimológica da palavra moda, foi introduzida na língua italiana por volta de 1650, derivada do *latim mos*, significando uso, costume, hábito, tradição, boas maneiras, moralidade e, ainda, lei, tipo, regra. Para o autor, embora a moda seja algo de uma escolha individual deve ser orientada por um sistema de regras sociais que definem o que é considerado na moda em determinado tempo e lugar, (COBRA, 2007). O objetivo desse trabalho é destacar através da história a moda feminina o vestuário, o penteado, corte de cabelo e maquiagem dos anos de 1950, 1960, 1970, épocas marcantes, revolucionárias no contexto da moda.

2. CONCEITO DE MODA

Para Cobra (2007) não é tarefa fácil encontrar uma definição inequívoca para o conceito do termo moda, pois segundo o autor ainda não existe uma interpretação objetiva e unânime sobre o tema, ressaltando a nível internacional. A moda é algo que reflete a forma de vida de determinada

camada da sociedade, em contextos de lugares, de comportamentos, que são realizados em determinado ponto específico no tempo.

Moda é, também, uma área privilegiada da experiência estética, ao longo da história, pode-se notar que em cada época, fatos e eventos assumem determinada forma rítmica nas semelhanças visuais. A moda é carregada de conceitos, conteúdos e contextos expressivos, que retratam diferentes épocas em que o homem viveu. Trata-se da repetição destes padrões visuais no seu modo de vestir (ROSA, 2006).

Palomino (2003) afirma que muitos intelectuais têm ainda grande preconceito contra o estudo e a pesquisa da moda. Isso se dá, em parte, porque o caráter da moda é efêmero por natureza, e também porque ela se relaciona com a aparência (privilegiando o superficial em detrimento do intelectual). No entanto, essa crítica da moda como objeto de pesquisa passa por cima das implicações sociológicas e de seu grande valor nas sociedades contemporâneas.

2.1. VESTUÁRIO DE 1950, 1960, 1970.

No início da história do vestuário sempre houve a ligação direta de *status* associado à diferenciação de classes. Mesmo quando técnicas de tecelagem ainda não haviam sido inventadas e peles de animais eram os únicos elementos disponíveis, os melhores caçadores eram diferenciados pelo fato de possuírem as peles dos animais mais ferozes. Assim transmitiam suas habilidades de bons caçadores através da sua vestimenta e, desta maneira, passaram a impor suas diferenças sobre aqueles que não possuíam sua coragem ou algum tipo de mercadoria, ou poder para adquirirem estas peles mais cobiçadas (SANTARELLI, 2000).

O vestuário sempre foi um reflexo do gosto de cada época, retratando de certa forma o desenvolvimento econômico, cultural e político. A roupa diferenciada identificava camadas sociais profissões, idade ou sexo (NERY, 2004).

Em 1950, o luxo e o glamour estavam em alta, com Paris ditando a moda. Com o início da moda jovem (camiseta e jeans para homens, saia rodada para mulheres), as roupas pareciam de boneca em sua ultrafeminilidade, e predominava um gosto por um estilo muito colorido, *à la bayadère*, florais estampados, horizontalmente, tafetá, cetim, laços e babados (STEVENSON, 2011).

Na década de 1950, silhueta ainda sofria a influência do *New Look* proposto por *Christian Dior* em 1947. A saia em godê guarda-chuva, modelo amplo com pequenas pregas permanentes, utilizando a angulação máxima (360 graus) do tecido ainda era muito apreciada. Logo outras linhas surgiram como a que ficou conhecida como linha A (1955), caracterizada por ombros estreitos, cintura mais baixa e saia bem evasê, e a linha Y (1955), com amplos decotes em V e parte inferior ajustada (SABINO, 2010).

Num tempo de turbulência, fluxo e transformação social, a moda nos anos 1960 refletiu a natureza em rápida mudança. Quem tinha visto uma ameaça nos adolescentes dos anos 1950 teve seus piores temores confirmados. Os jovens tornaram – se decisivos para o comércio e a indústria. A aprovação dos pais perdeu a prioridade que um dia teve (STEVENSON, 2011).

Nos anos 1960 os jovens criaram a sua maneira de vestir, exigem uma revolução na moda. Enquanto nas outras décadas viam-se costureiros como Poiret e Dior impondo verdadeiras revoluções na moda, nos anos 1960 que exigem uma apresentação nova para as roupas é o público, mais precisamente os adolescentes (MOUTINHO, 2000).

O moderno e o antigo eram igualmente importantes para a moda e o estilo de vida nessa década. Jovens buscando ser diferentes misturavam roupas vintage românticas com que não queriam parecer iguais aos outros, selecionava peças em barracas de feiras de rua e as conjugava com outras compradas em boutique para produzir originalidade (STEVENSON, 2012).

A grande vedete dos anos 1960 foi, sem dúvida, a minissaia. Surgindo também os vestidos tubinho, e as estampas psicodélicas viraram mania. O

unissex ganhou força com os jeans e as camisas sem gola. Pela primeira vez, a mulher ousava se vestir com roupas tradicionalmente masculinas, como *smoking* (lançado para mulheres por Yves Saint Laurent em 1966) (GOSTINSKI, 2009).

Em meados dos anos de 1960 os estilos da moda vestuário feminina assumiram três direções segundo Moutinho (2000), na primeira os estilos eram simples, adulto, mais juvenil, conjuntos dos tecidos pesados, mais de linhas sóbrias, bijuterias arrojada e vistosa; com o declínio do uso dos chapéus, o cabelo converte se em acessórios de moda, quer curto e armado, quer longo como juba leonina. Na segunda o aspecto era meio engraçado, meio inocente, estilo *baby doll*, saias curtas, mangas bufantes, rendas e franzidos, às vezes calções; meias claras rendadas e sapatos de boneca. E na terceira não tinha requintes, era excêntrico, porém centralizadas politicas e culturalmente. Suas roupas eram influenciadas pela Op Art (com círculos, espirais e quadrados dispostos de forma a criar ilusão optica) e pela Pop Art (arte que usa objeto de consumo ou figuras famosas como base). Também usavam estampados baseados em telas geométricas do pintor Mondriam (quatro anos antes de aparecer a coleção Saint Laurent) e roupas psicodélicas (de cores muito vivas e fora dos padrões habituais). Os cintos eram de correntes, os relógios tinham mostradores humorísticos, as bijuterias eram de plástico; os sapatos eram de verniz colorido, calçavam se botinas e botas de todo gênero (MOUTINHO, 2000).

Nos anos de 1970 o vestuário trouxe uma grande liberdade visual. O clássico ressurge. A roupa pronta para uso se firma, além da necessidade de redução de custos. A alta costura ainda era poderosa mais a moda usada nas ruas era mais forte naquele momento (MACKENZIE, 2010).

Estilos tão dispares quanto o Romantismo Nostálgico, o *Glam* e o *Punk*, bem como a febre “Disco”, o renascimento de técnicas artesanais e a ascensão da moda esportiva, acompanharam o ativismo político de movimentos como os de afirmação racial e emancipação feminina, numa década vivida em ritmo veloz, impetuoso, com vibração jovem (MACKENZIE, 2010).

Na segunda metade da década de 1970, as pernas das calças começaram a ter corte reto. Isso foi exacerbado pela introdução furtiva de um reavivamento dos anos 1950. Os elementos da moda foram calças colantes de cetim de *Wonder Workshop* usado com saltos agulha, jeans ou brim de corte reto usado com tênis Adidas®, Kicker® ou Converse®, jaquetas de beisebol de cetim, blusas frente-única, suéteres, felpudos de mohair, estampas da Disney® e camisetas colantes (STEVENSON, 2011).

Os punks nascidos em 1970 eternizaram seu visual chamativo e assustador, criado a partir das roupas pretas, jaquetas de couro tacheadas, jeans rasgados, uso de correntes, alfinetes, de segurança, piercings, cabelos em cores e cortes incomuns e mostravam seu desagrado ao mundo, através de sua música alta e barulhenta (punk rock) e de seus slogans de desilusão estampados em suas camisetas. O visual punk, com sua parafernália de acessórios, foi tão marcante que até hoje, m pleno século XXI, continua influenciando estilistas dedicados à moda da burguesia (SABINO, 2007).

A grande moda da época foi a dos jovens hippies. Eles eram caracterizados por seus jeans customizados, calças bocas-de-sino, camisas com estampas indianas e saias compridas (STEFANI, 2005).

2.2. A MAQUIAGEM DOS ANOS 1950, 1960, 1970.

A maquiagem já era utilizada na antiguidade, como na mesopotâmia, Egito, Creta, Grécia e império Romano. Esses povos, já utilizavam os recursos naturais para se maquiarem, já que a natureza sempre foi a maior fornecedora de matérias primas. Açafrão, hena, terra vermelha, Kohl (carvão), fuligem, índigo, frutas silvestres roxas e vermelhas e outros produtos estão presentes na maquiagem das mulheres da antiguidade. E com a evolução dos séculos, foram se criando paradigmas, onde cada século tinha o seu perfil, que era influenciada pelo estilo da época (VITA, 2009).

A consagração da maquiagem veio no Século XX impulsionada pela indústria americana de cinema, o sucesso das estrelas de Hollywood rendeu aos produtos um status de itens indispensável para as mulheres (TORQUATTO, 2011).

Barnard (2003) salienta que a partir de 1950 a maquiagem fez a indústria de cosméticos investir uma fortuna em publicidade. Os estilos de deusas eram diversificados na época, podia-se encontrar a sofisticação de Audrey Hepburn, a sensualidade de Rita Hayworth e Marilyn Moroe como a loira fatal. Segundo Vitta (2008), as cores da maquiagem seguiam as cores das roupas, o que não era bem aceito pelos maquiadores de Hollywood. A pele era pálida e os lábios intensos, o olhar era modelado por sombra nas pálpebras, rímel e especialmente delineador, sem esquecer o lápis de sobrancelha.

Stevenson (2011) destaca que os olhos eram felinos, maquiados com um traço de delineador, dominados por sobrancelhas desenhadas a lápis e alongadas, davam ar de altivez e mística.

Nos anos 1960 a modelo *Twiggy* ditava o padrão: Olhos acentuados e marcados com delineador, inclusive na parte inferior com desenho de cílios. O final dessa década adotou a moda hippie e as maquiagens psicodélicas de cores vivas, que reafirmavam o conceito de liberdade (SANTORO, 2007).

Como a modelo ideal transformou se da dama elegante na adolescente desesperada, a maquiagem mudou para adequar se a sua persona. As modelos faziam a própria maquiagem e o visual *Twiggy* evolui a partir do seu estilo inicial. Ela usava três pares de cílios postiços sobre os seus olhos e pintava pestanas de bonecas na pele, obliterando os lábios com base, fazia de seus olhos enormes seu traço principal (STEVENSON, 2012).

Sombra branca foi uma escolha popular usada com uma cor contrastante no côncavo para adicionar profundidade e definição, e cílios postiços exuberantes para dar um ar dramático realmente funcionavam para iluminar e mostrar os olhos. Para uma autêntica maquiagem de 1960, complementar os olhos ousados com uma base fosca impecável com um tom muito suave de cor nas bochechas para o contorno do rosto e um *gloss* nos lábios, para não roubar a atenção dos olhos (WING, 2013).

Mohrt (2000) ainda destaca que uma parcela das mulheres da época de 1960 usavam na maquiagem as cores fortes, rosa-choque, dourado, verde e

violeta; os olhos eram muito bem maquiados, com cílios postiços muitas vezes duplos ou triplos, “o olho devia ser grande e negro”.

A maquiagem dos anos de 1970 não era única devido à variedade de estilos da época. Na maquiagem os olhos eram a região mais valorizada. Sombras e lápis recebiam cores ligadas a natureza como azul, verde e marrom. A maquiagem *glam* era marcada por cílios postiços, batons e sombras em cores vibrantes e muita purpurina. A boca era sempre finalizada por gloss. Os olhos pretos e dramáticos eram febre entre os seguidores do movimento punk, assim como a boca marcada em cores escuras (WING, 2013).

2.3. CABELO DE 1950, 1960, 1970.

Nos registros primários dos homens pré – históricos, nas artes das cavernas, os modelos, texturas, cores e formas específicas de arrumar os cabelos determinavam as características dos homens e mulheres, com isso eram apresentadas suas diversificadas funções sociais. Desde a Antiguidade os povos empregam uma consideração peculiar aos cabelos. Isso mostra que há muito tempo, não só atualmente no século XXI, o cabelo é tido como um elemento importante para os indivíduos. Pode ser percebido que o cabelo além da estética tem capacidade de ser uma das formas de transmitir características do indivíduo (SANTOS 2010).

Segundo Stevenson (2011) os cabelos dos anos 1950 eram curtos e anelados ou presos em coques. Inspirados nas musas do cinema, e podiam ser ruivos, escuros ou platinados, ainda médios ou longos, porém sempre ondulados. As franjas começaram a aparecer nessa época.

Na década de 1950 as tendências de cabelo feminino ditavam cachos suaves ao longo da década - variações de comprimento eram aceitáveis. Cabelo curto era frequentemente usado e a moda era um corte poodle. Cabelos médios ou longos cabelo às vezes eram complementados com um lenço na cabeça (WING, 2013).

Em 1960 o cabelo Chanel (febre dos anos de 1920), volta mais longo com as pontas onduladas para fora (STEVENSON, 2011). Nessa década os

penteados eram cuidadosamente fixados por laquê. Os cabelos iam dos curtíssimos aos longos, mas sempre com as raízes altas. Um dos penteados mais usado foi o coque banana.

Segundo Mohrt (2000), os anos 1970 chegam para quebrar os tabus e outorgar todas as liberdades. É época da diversidade, em que surgiu o “*black power*”, que era o nome dado ao penteado e ao mesmo tempo slogan do movimento contra o racismo.

3. METODOLOGIA

Nesse trabalho acadêmico utilizou-se somente da pesquisa bibliográfica, ressaltando as citações de vários autores sobre o tema, a consulta foi elaborada através de livros, sites, e artigos já publicados.

4. DISCUSSÕES

O vestuário feminino se transformou no decorrer da história da moda, uma vez que as mulheres até o século XIX estavam aprisionadas aos espartilhos como forma de pertencimento a atributos de feminilidade da época vigente. Em pleno século XXI, com os movimentos culturais e sociais, a revolução sexual e lutas feministas, a prática das atividades ao ar livre, os esportes, entre outros, o vestuário feminino é apresentado como forma de individualização com base nos papéis que a mulher representa na sociedade contemporânea, mesmo seguindo uma lógica de características de feminilidade herdada em tempos anteriores (LEITE, 2012).

A palavra “moda”, muitas vezes, remete à idéia de roupa, mas não está restrita apenas aos tecidos que cobrem o corpo: incluem bolsas, brincos, anéis, pulseiras, sapatos, véus, enfim, tudo o que é denominado “indumentária” e que, quando apresentado em conjunto, forma um sistema expressivo. Nesse ainda se insere o corte, penteado e cores do cabelo, assim como o estilo de maquiar-se. Os acontecimentos históricos refletem a maneira de vestir das pessoas. Guerras, momentos de prosperidade ou pobreza, influências religiosas enfim, todas as fases vivenciadas pela humanidade influenciam a indumentária. Por meio da análise histórica, é possível avaliar a importância que o vestuário

assumiu ao longo dos séculos e dos papéis representados pela moda na cultura e nos valores predominantes em cada momento (STEFANI, 2005).

Na década de 1950 nota-se que a moda foi romântica, feminina, sexy, tanto vestuário como no estilo de maquiar-se e pentear-se. Todos os elementos da moda resgatam a mulher sempre bem cuidada de forma minuciosa e delicada. Nos anos de 1960 a moda passa a ser diversificada, mas prevalece uma moda jovial, destacando a um novo tempo, um novo modo de viver a moda. Já nos anos de 1970, as tribos urbanas entram com força ditando a moda romântica dos hippies, excêntrica dos *glam* e disco, e rebelde dos punks.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a estética de cada época através da história é fascinante e de grande valia para o tecnólogo em estética e cosmética, pois a partir dos elementos encontrados em cada época o profissional que optar pela área de maquiagem e embelezamento capilar terá repertório para criação de *looks* que retratam a mulher com estilos voltados para cada década. Conhecer o passado é importante para entender o futuro.

6. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lilian. A importância de se estudar a História. 2014. Disponível em: <http://www.escolakids.com/a-importancia-de-se-estudar-a-historia.htm>. Acesso em 12/09/2014

BERNARD, Malcolm. Moda e Comunicação. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

COBRA, M. Marketing e moda. São Paulo: Senac São Paulo, Cobra Editora & Marketing, 2007.

KALIL, Gloria. Chic: um guia básico de moda e estilo. 25. ed. São Paulo: Senac, 2003. 243 p.

MATOS, André Luiz Reis. O que é história? A busca de uma identidade. 2013. <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAidgAF/que-historia-a-busca-identidade>. Acesso em: 17/09/2014.

MOUTINHO, Rita Maria. A Moda no século XX, máslova Teixeira Valença. Rio de Janeiro: Senac, 2000.

NERY, Marie Louise. A Evolução da Indumentária: Subsídios para criação de figurino. 3. ed. Rio de Janeiro: Senac, 2009. 299 p.

NERY, Marie Louise. A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurino. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2004.

PALOMINO, Erika. A moda. São Paulo: Publifolha, 2003.

ROSA, L. Compreensão dos Contornos do Corpo para Desenvolver Produtos de Moda. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 7, 2006, Paraná. Anais do 7º P&D. Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2006.

SABINO, Marcos. Dicionário da Moda. 1ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

SANTOS, Flavia Silva. A influência da propaganda de produto de cabelo no comportamento do consumidor feminino. 2010. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1100/2/20655032.pdf>. Acesso em: 18/09/2014.

SANTARELLI, Christiane Paula Godinho. O consumo da moda nas classes economicamente inferiores. São Paulo: USP, 2000.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Teoria de Moda: sociedade, imagem e consumo. São Paulo: Estação das Letras Editora, 2007.

STEVENSON, Nj. Cronologia da Moda: de Maria Antonieta a Alexander McQueen. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

STEFANI, Patricia da Silva. Moda e Comunicação. 2005. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/PSilva.pdf>. Acesso em: 08/11/2014.

TORQUATTO, Fernando. O Boticário Maquiagem by Fernando Torquatto. Curitiba: Posigraf, 2011.

VITA, Ana Carlota. História da maquiagem, da cosmética e do penteado: em busca da perfeição. 1ª. ed. São Paulo: editora Anhembi Morumbi, 2009.

WING, Hannah. Vintage Beauty Parlor. London: Ryland Peters & Small, 2013. 137 p.